

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID: PRÁTICAS EDUCATIVAS E FERRAMENTAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DE RAÇA E GÊNERO

VÍCTOR BLASKOSKI LEHUGEUR¹;

MAURO DILLMANN TAVARES²:

¹Universidade Federal de Pelotas – victorblaskoski@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maurodillmann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo trazer um relato de experiência sobre a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O PIBID foi criado para suprir diversas necessidades, entre elas, promover a aproximação entre as escolas e a universidade, mas principalmente atuar como ferramenta de exercício ao vínculo entre os graduandos dos cursos de licenciatura com os alunos da rede pública (SOUZA; FERRARO, 2020, p. 206).

As atividades foram realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cecília Meireles, entre os meses de junho de 2023 e abril de 2024. Esta escola fica localizada no Bairro Areal, na cidade de Pelotas-RS, e atende majoritariamente alunos de classe baixa desta região. Discutindo entre o grupo de colegas bolsistas que faziam parte do programa e que atuariam na mesma escola, definiu-se que as atividades a serem desenvolvidas com as turmas deveriam ter como base as perspectivas de raça e gênero no ensino de história.

Nesse sentido, as atividades têm como objetivo indagar criticamente as ausências de determinados grupos sociais e as relações de poder nas narrativas históricas, relacionado a ampla diversidade de culturas umas com as outras. Além disso, soma-se a necessidade de construir uma visão e prática com a inserção das mulheres como sujeitos históricos nessas narrativas, rompendo com as relações tradicionais de gênero e proporcionando uma educação emancipadora, crítica e anti-machista (COSTARD, 2017, p. 160).

Desta forma, buscamos relacionar o ensino de história com a compreensão da formação de nossa sociedade como uma construção plural, na qual todas as matrizes culturais e étnico-raciais foram e são igualmente importantes, além de entender as diversas culturas como advindas de processos históricos (PEREIRA; MONTEIRO, 2013 , p. 11).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O grupo de bolsistas que atuava na escola, composto por oito integrantes, aconselhados pelo professor das turmas, optou por dividir-se em duplas para elaborar e aplicar as atividades, pois as salas eram pequenas e as turmas não eram muito grandes. Desta forma, as atividades que serão aqui descritas foram elaboradas e aplicadas em conjunto com a bolsista Milene do Nascimento Pereira.

A partir disso, foi feita uma divisão e um rodízio com as turmas entre as duplas que elaboraram as atividades. Portanto, foram feitas intervenções com as

turmas A7B, A8B e A9A, 7º, 8º e 9º ano, respectivamente. Definiu-se com o professor que as atividades deveriam estar relacionadas com os conteúdos trabalhados anteriormente, sendo eles: Reinos Africanos, Revolução Francesa e Período entreguerras, com sua respectiva turma.

Para a aplicação com a turma de 9º ano, feita nos dias 11 e 13 de setembro de 2023, decidimos trabalhar o período entreguerras abordando os aspectos relacionados ao passado e presente no que diz respeito ao racismo nas sociedades da época. A ação foi desenvolvida em duas aulas de 45 minutos. Na primeira aula entregamos duas imagens para os alunos, uma propaganda nazista sobre os jogos olímpicos de 1936 e uma imagem de Jesse Owens, atleta negro dos Estados Unidos, recebendo uma medalha de ouro nessa mesma edição das Olimpíadas. A partir delas, os alunos fizeram uma análise crítica sobre a relação entre as duas imagens. Na última parte da aula, foi apresentado um pequeno vídeo com cortes do filme “O ódio que você semeia” que traz exemplos de situações do racismo estrutural vivenciado nos dias de hoje. Na segunda aula, trabalhamos a segregação racial nos Estados Unidos e os alunos participaram de um quiz, retomando as principais reflexões feitas durante a aplicação sobre as relações entre passado e presente.

Na segunda aplicação, com a turma de 8º ano, feita nos dias 6 e 7 de novembro de 2023, decidimos trabalhar com uma atividade sobre Revolução Francesa, abordando a construção histórica dos Direitos Humanos. Da mesma forma que a primeira, esta foi realizada em duas aulas de 45 minutos. Inicialmente, foi feita a construção de um mapa mental com os conhecimentos prévios dos alunos, sendo preenchidos por palavras ditas por eles mesmos. Em seguida, apresentamos a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e analisamos e questionamos os alunos sobre as “ausências” no documento, em comparação à Declaração dos direitos da Mulher e da Cidadã, de Olympe de Gouges. Na segunda aula, a turma deveria criar um cartaz com os artigos que eles julgavam merecer alteração, a partir das críticas feitas à exclusão de mulheres e negros da Declaração. Em seguida, fizemos um comparativo entre a Declaração supracitada e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Para finalizar, aplicamos um quiz onde eram abordadas situações presentes na sociedade, como guerras, homofobia e racismo, para que os alunos analisassesem se estava de acordo com a Declaração dos Direitos Humanos.

Para a terceira aplicação, decidimos realizar com o 7º ano uma atividade sobre os Reinos Africanos, abordando, mais especificamente, os símbolos Adinkras. Diferente das demais, esta aplicação aconteceu em um único dia, visto que a turma possuía dois períodos seguidos de História. Iniciamos a aula questionando aos alunos sobre o que eles conheciam sobre a África e quais eram as contribuições da cultura de matriz africana no Brasil. Na segunda etapa, apresentamos aos alunos o povo Ashanti e os símbolos Adinkra e debatemos o seu contexto e características com os alunos. Utilizamos um mapa da biblioteca com o continente africano para mostrar aos alunos as regiões que este povo habitava na época. A próxima etapa foi a de organização dos grupos para a realização da “gincana”. A partir disso, foram feitas três atividades sobre localização, bandeiras e o significado dos símbolos Adinkras. Por fim, cada grupo deveria criar um símbolo Adinkra e atribuir algum significado e nome para ele.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as intervenções e atividades realizadas ocorreram muito bem e o seu resultado foi muito satisfatório. Notou-se uma ampla participação e interesse por parte dos alunos, havendo uma interação que proporcionou o desenvolvimento de reflexões significativas para o aprendizado histórico. Chama a atenção também que a maioria dos estudantes nunca tenha ouvido falar em Olympe de Gouges ou em símbolos Adinkras, o que mostra a necessidade de cada vez mais serem trabalhados, consonantemente com o ensino de história, as perspectivas de raça e gênero.

No que diz respeito ao impacto do PIBID e as contribuições de participar de um programa como este, deve-se destacar que para além da simples gratidão em relação às experiências proporcionadas por ele, o processo de formação — e transformação — dos integrantes como professores merece destaque. A vivência proporcionada em sala de aula, o contato com os alunos e com os professores da rede de ensino e todos os aprendizados durante este período fazem com que o PIBID cumpra, e vá muito além dos objetivos para que foi criado, sendo uma ferramenta importantíssima na formação de futuros professores.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARMO, M. A. A.; OLIVEIRA, A. A. G. de. Trilhas de um (im)provável caminho: das incertezas da docência às (trans)formações do PIBID no ambiente escolar. **Caderno de Pesquisa do CDHIS**. Uberlândia, vol.31, n.1, p. 1-18, jan/jun. 2018.

CAVALCANTI, K. B. B.; SILVA, L. C. da. O pibid como ferramenta de formação inicial de professores: um relato de experiência de bolsistas do pibid de história da UFPE. **Anais do VIII ENALIC**. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

COSTARD, L. Gênero, currículo e pedagogia decolonial: anotações para pensarmos as mulheres no ensino de História. **Fronteiras & Debates**. Macapá, v.4, n.1, p. 159-175, jan/jun. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

PEREIRA, A. A.; MONTEIRO, A. M. (orgs.). **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

SOUZA, M. M. V. de; FERRARO, J. R. Relato de experiência do PIBID: ensinando história através da arte. **Revista Extensão**. [s l], vol.4, n.4, p. 205-208. 2020.